

AVISO AO USUÁRIO

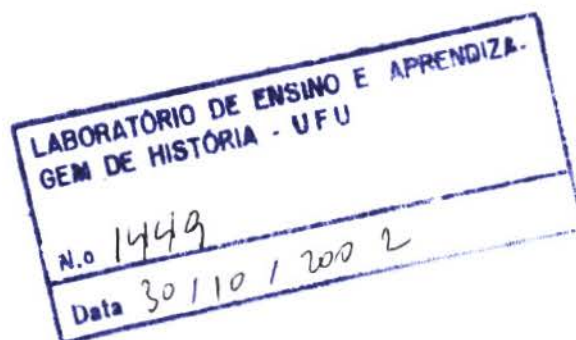
A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

NUCCIA ALVES EUSTAQUIO

TERCEIRA IDADE: Novos olhares e novos segmentos



Uberlândia, 2002

1680



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

NUCCIA ALVES EUSTAQUIO

TERCEIRA IDADE: NOVOS OLHARES E NOVOS SEGMENTOS

Monografia apresentada com exigência parcial para obtenção de título de Bacharel em História pela Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação do Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo.

Uberlândia 2002

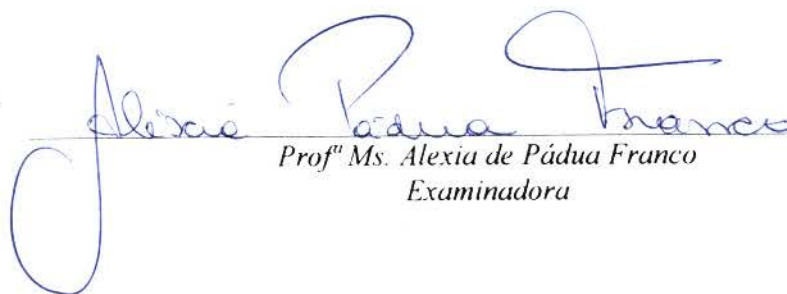
BANCA:



Prof. Dr. Hermes Reis de Araújo
Orientador



Prof. Ms. Maria Andréa Angelotti
Examinadora



Prof. Ms. Alexia de Pádua Franco
Examinadora

Agradecimentos

A Deus

Aos meus pais,

A meu Marido

Aos mestres

Aos meus amigos

Ao meu amigo, João Batista, que dispões de toda paciência , na Coordenação do Curso de História nas horas que mas precisei e principalmente ao meu marido e filha

que compreenderam o significado de não passar muito o tempo com eles , para a realização do trabalho.

E a todos que de alguma forma contribuirão para esse trabalho

Meus agradecimentos

Oração do idoso

Bem - aventureiros aqueles que compreendem meus passos vacilantes e minhas mãos tremulas.

Bem - aventureiros os que levam em conta que meus ouvidos captam as palavras com dificuldade, por isso procuram falar mais alto e pausadamente.

Bem - aventureiros os que percebem que meus olhos já estão nublados e minhas reações são lentas.

*Bem - aventureiros os que desviam o olhar, simulando não ter visto o café ,
que por vezes derramado sobre a mesa.*

Bem aventureiros os que nunca dizem `` você já contou isso tantas as vezes `` .

Bem - aventureiros os que sabem dirigir a conversa e as recordações às coisas dos tempos passados.

Bem - aventureiros os que me ajudam a atravessar a rua e não lamentam o tempo que me dedicaram.

*Bem - aventureiros os que compreendem quanto me custa
encontrar forças para carregar minha cruz.*

Bem- aventureiros os que amenizam os meus últimos anos sobre a terra.

*Bem aventureiros todos aqueles que me dedicam afeto e carinho e acima de tudo me
respeitam, fazendo - me assim pensar em Deus.*

Quando entrar na eternidade, lembrar-me-ei deles, junto ao Senhor.

***Uma homenagem a todos avós que sempre estiveram presentes nos momentos de
alegria, união e tristeza com seus filhos e netos.***

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1.	Os estágios do envelhecimento	6
1.1	Dados demográficos	9
1.2	O que é ser idoso para uma sociedade	12
1.3	Projetos e políticas	15

CAPÍTULO II

1	O que temos para envelhecer ?	17
1.1	Trabalhar, envelhecer e aposentar	18
1.2	Auto-estima e violência andam juntas	22
1.3	Aprendendo a viver de um jeito ou de outro	24

CAPITULO III

Socialização	28
Religiosidade na terceira idade	29
Memória	30

ENTREVISTAS

Dona Rosina Sanches Martins	31
Sr. Antônio Fernando Moura	32
Sr. Mário Iyagui	33
Sr. Genésio Marcondes	34
Senh ^a Maria das Fonseca e Silva	35
Sr Marcindo Capelinio	36
Sr ^a Ermelinda da Silva	37
Considerações finais	39

Bibliografia	43
---------------------	----

ANEXOS	45
---------------	----

INTRODUÇÃO

Quando optei por trabalhar com a “terceira idade” como tema principal de monografia, procurei algo que estigasse a minha curiosidade, ao pesquisar pude notar que o assunto é vasto, mas encontrei algumas monografias⁹ sobre a “terceira idade” em nosso laboratório de história, trabalhos que contextualizavam os anos 90. Quando comecei a ler algumas dessas monografias, senti que faltava algo a escrever e que eu talvez eu pudesse ajudar com minha pesquisa.

Tive uma curiosidade de descobrir o que aconteceu com algumas pessoas de vários depoimentos das monografias anteriores uma pergunta pairava no ar. será que eles estão vivos e freqüentam o mesmo lugar? ou alguma coisa mudou na forma de pensar e agir de acordo com as entrevistas? .

Procurei saber não só dessas pessoas, mas também da vida de outros idosos e o que mudou ou se transformou no contexto social, e no imaginário de cada um. E claro que há um interesse pessoal, pois durante os anos que tive meus avós, estive mais perto do “Mundo da terceira idade” e pude, com certeza, participar da história e alegria de cada um. Estando neste meio pode sentir o próprio “preconceito” que eles mesmos e outros viveram por serem idosos. O interessante é que deste grupo da sociedade, que descriminamos e rotulamos, faremos parte dele que queiramos ou não.

Há também a indagação de como surgiram os novos espaços de apoio ao idoso nos últimos anos e qual é o papel desses espaços, como instituições e centros de lazer na sociedade? Controlador, disciplinador, criado pelo Estado ou apenas um espaço que procura acolher o idoso, ajudando nos caminhos da velhice procurando assim assumir um papel em que necessariamente tem que ser do “Estado e da Sociedade?”

No primeiro capítulo vou buscar retratar os livros que pesquisei, qual o conceito, que cada autor considerando o meio acadêmico, utilizou sobre o idoso.

⁹ Uma delas foi a monografia de final de curso da aluna Celina Rosa Silva “ **Envelhecer com dignidade: O grupo Terceira Idade e a Convivência**”. Esta foi uma das que eu mais pesquisei.

Por isso que chamei o primeiro capítulo de “ Estágios do Envelhecimento”, pois cada um tem uma forma de expressar. Através desses conceitos procurei buscar um entendimento e uma relação com meus entrevistados.

No segundo capítulo procurei resgatar todos esses elementos. Vou mostrar o quanto é importante para o idoso viver em um meio social ativo, sem que a sociedade o desampare. Enfim vou buscar retratar o que está acontecendo com a população e o que pode vir acontecer no futuro, com os idosos , sem um planejamento para a terceira idade. Procurei trabalhar com idosos de baixa renda que sobrevivem com aposentadoria ou um trabalho alternativo.

A diminuição da taxa de mortalidade e fecundação contribuiriam para o aumento de idosos no Brasil, nesta última década, alguns pesquisadores tratam este assunto como “ fenômeno demográfico ”, ou seja, um envelhecimento percebido em alto índice. Há uma clara tendência indicando o aumento progressivo da população de idosos nas próximas décadas, considerando-se que aqui o idoso é aquele que tem 65 anos ou mais, segundo cálculos a população em 2025 será constituída por pessoas mais velhas.

Há 50 anos a expectativa de vida de um brasileiro era de 43 anos. Hoje esta expectativa está em torno de 68 anos, sendo que para o século XXI deverá chegar a 73 anos. Segundo o Instituto brasileiro de Geografia e Estatísticas (I.B.G.E) nosso país deverá estar entre as populações mais idosas do planeta no ano 2025 com 34 milhões de pessoas com mais de 60 anos. De acordo com meus cálculos isso representa 14% de nossa população.

Já no terceiro capítulo, vou partir do momento em que o idoso sai de seu espaço privado para espaços públicos, buscando elementos para sobreviver a uma sociedade capitalista, estes elementos em chamei de certa forma como uma “ resistência para com a sociedade capitalista” (memória, socialização, religião, etc...).

Procurei mostrar um novo entendimento com questões que antes eram um estigma e um tabu. Procurei também passar em minha pesquisa algumas questões relativas ao processo e envelhecimento. Entendo que o desenvolvimento humano não deverá ser dividido ou visto por etapas ou fases, mas sim como um processo próprio e contínuo do indivíduo.

Com estes dados, vou buscar retratar o que está sendo realizado em termos sociais para os idosos e como o idoso está inserido na sociedade capitalista, além do caráter de transformação nos últimos anos.

No decorrer da pesquisa , vou recuperar a experiência de vida de algumas pessoas em alguns espaços públicos como praças , salão de bailes e clubes, além de instituições como CEAJ e SESC. O trabalho é baseado em depoimentos orais , que levam ao viés do

imaginário no espaço social e também suas transformações sociais, além disso, baseia-se também em revistas e jornais para completar minha pesquisa.

Através da história oral, vou apresentar a importância do idoso e contextualizar os preconceitos e discriminações do passado e no presente. Buscando compreender a forma ocorre todo esse processo podemos contribuir não só para a historiografia, mas para nós mesmos da sociedade como uma lição de vida.

Alterar a situação que se passa com o idoso, não é fácil, seria até um sonho, mas espero que muitos como eu possam fazer algo para melhorar a qualidade de vida e também que a sociedade acorde para um futuro próximo. Além disso nossas políticas governamentais têm que mudar não só na questão da previdência social, mas também no modo de agir e pensar com o idoso.

Sei que em parte é um devaneio, mas se fizermos pelo menos 40% para que mude a condição atual, a terceira idade irá muito longe. Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade* escreve que esse embate tem questões há décadas.²

“Os atos públicos de adultos interessam quando revestidos de um sentimento familiar, íntimo, compreensível no dia a dia. Os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes só revestem de significado para o velho e para a criança quando traduzidos por alguma grandeza da vida cotidiana”.

Trabalhar com a terceira idade é sem dúvida fascinante, e trabalhar com “*memória e experiência*” é de uma certa forma ainda mais audacioso. O estudo do dia-a-dia tem sido, com certeza, uma das fontes em que o historiador vem trabalhando cada vez mais, pois estudar o cotidiano é uma forma mais clara de entender as relações sociais de um sistema do que a análise de projetos econômicos, políticos e sociais propostos para uma sociedade. Maria Odila Leite da Silva Dias deixa transparecer em seu livro algo bem característico quando se fala de cotidiano: “*Incorporar à história tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder, às vezes, do próprio processo produtivo*”.³

Na perspectiva de uma investigação na condição do idoso, pretendo estabelecer um primeiro diagnóstico sobre as formas de valores, circunstâncias de vida e as influências familiares que determinaram a escolha e meio no qual o idoso vive. Para que aconteça toda esta interpretação da história oral, faz-se necessário nesta pesquisa beber na fonte, para

² Bosi, Ecléa. “**Memória e Sociedade.**” In. pp.81

³ Dias, Maria Odila Leite da Silva: “**Cotidiano e o poder em São Paulo no Século XIX.**” p 8 SP. Ed. Brasiliense. 1984.

entender um pouco de história oral e como ela pode me ajudar nos meus trabalhos de monografia segundo Paul Thompson.⁴

“ História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizado. Não obstante, a História Oral, pode exatamente ser um meio de transformação tanto o conteúdo quanto a finalidade da História. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existem entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Basicamente, a história oral, vai fazer parte de quase todas as discussões , pois é com ela que vamos identificar os preconceitos. O posicionamento de uma fonte criada por uma história própria (vivências). Na monografia de Celina Rosa Silva,⁵ afirma que é fácil perceber que o uso da pesquisa oral passa a fazer parte não só das disciplinas a autora das áreas sociais, mas faz atualmente compõe o arsenal de técnicas e métodos de várias ciências. Celina Rosa Silva, diz que entre as discussões , rótulos , menosprezo e uma variedade de preconceitos, ainda assim a história oral reafirma a cada dia a sua grande utilidade, não apenas como apoio à outras pesquisas de cunho oficial, mas se posicionado como uma fonte criadora de uma historia própria.

Enfim temos que “ achar ” um caminho para chegarmos na terceira idade sem preconceito, que nós mesmos criamos. A intenção desse trabalho é mostrar que o idoso não está sozinho em uma sociedade e que podemos permear um novo caminho.

⁴ Thompson, Paul. “ **A voz do passado: História Oral**” Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1998. p. 28.

⁵ Silva, Celina Rosa. p 11.



O DIREITO DE TER DIREITOS

Temos que lutar pelos direitos, direitos de ir e vir, de sonhar e principalmente de tentar realizar. O direito de viver, de nascer e mais ainda, de ter a dignidade de envelhecer.

João Batista

CAPÍTULO I

OS ESTÁGIOS DO ENVELHECIMENTO.

Este primeiro capítulo poderia começar de outra forma, onde desde já eu começaria a descrever sobre o idoso ou até mesmo falar dos centros de convivência, mas optei em primeiro lugar em “classificar” ou citar teorias de alguns autores sobre a terceira idade. Na verdade não gostei muito do que li de alguns pesquisadores, achei uma linguagem grotesca e rotulada.

Na antigüidade, por exemplo, o ciclo da vida humana já esteve comparado com estações do ano, e a velhice era descrita como um inverno sombrio, frio e improdutivo.

Envelhecer atualmente tem sido um processo extremamente desagradável, porque o indivíduo começa a sentir que em muitos aspectos biológicos e sociais, não é mais o que costumava ser, por conta disso, muitos chegam a pensar em velhice como sinônimo de doença, fraqueza e inutilidade. Logo, a velhice é considerada má pela maioria das pessoas idosas. Geralmente, o idoso pensa não poder ser mais criativo e em consequência, se priva de muitas atividades normais, por medo do fracasso ou censura. É esse medo que faz com que algumas pessoas procurem negar o seu envelhecimento, gerando “um envelhecimento social”, que é resultado de uma série de ocorrências por vezes alheias à vontade dos que estão envolvidos, acarretando freqüentes e desfavoráveis mudanças.

Segundo Justin Pikunas⁶ quando se chega a uma idade avançada, a teoria do senso comum salienta a necessidade de manter interesses e ocupações e aumentar as atividades recreativas a fim de ocupar o tempo totalmente e tornar os anos satisfatórios e produtivos. Para Justin Pikunas, a velhice está cheia de desespero, o dano substancial ao ego e as emoções. A probabilidade de produzir hipocondria, alucinações ou perturbações de moderadas e severas que marcam a senilidade.

De acordo com Justin Pikunas, as pessoas envelhecem da maneira que é coerente com as histórias de suas vidas. Existem muitas configurações psicossociais distintas de envelhecer, ou seja, o autor cita diferentes formas de envelhecimento é até mesmo de acordo com meio social e seu estilo de vida.

Já Maria Leticia Barreto⁷, ao descrever algumas fases da “velhice”, observa que alguns tentam adiar esse momento, outros não enxergam as consequências de ser velho, outros ainda tornam-se hipocondríacos e começam a procurar doenças.

⁶ Pikunas, Justin “desenvolvimento Humano” uma ciência emergente pp 410-419.

⁷ Barreto, Maria Leticia. “O admirável mundo velho” pp 10.

Em se tratando de todas as formas de retratar o envelhecimento, nota-se uma certa amargura e frieza. Assim sendo podemos verificar que o idoso é sempre referenciado de uma forma no sentido figurado, sem a mínima consideração. Para muitos, o idoso não tem muita importância e a política governamental não ajuda em nada para amenizar, pois o idoso fica desnorteado em meio a tanta burocracia, para sobreviver.

No que tange a realidade brasileira para o idoso. Há poucas opções, como os asilos ou o isolamento de uma sociedade, além dos centros de convivências, que preenchem um espaço vazio para o idoso, embora estes centros de convivências tenham conseguido agrupar muitos idosos, existem ainda muitos fora do convívio social.

Sabemos que biologicamente os seres vivos percorrem o ciclo de vida do nascimento até a morte. Quando somos crianças ou jovens tendemos a considerar velhos nossos pais. A partir de 30 ou 40 anos, entretanto, o conceito que tínhamos de um indivíduo de 50 anos mudou, pois hoje tendemos a considerar adultos e velhos, indivíduos de 60 e 70 ou mais anos de idade. Portanto, devemos diferenciar a idade biológica, da idade cronológica e da idade social, para que possamos compreender melhor o significado de ser idoso nos dias atuais.

Sendo assim, com base em diversos autores que retratam os estudos sobre o envelhecimento, ressaltamos a opinião de Marcelo Salgado⁸ (1988), que afirma que o envelhecimento inicia-se após a fecundação, pois no organismo de um indivíduo inúmeras células, morrem e são substituídos antes de nascer. A velhice deve ser entendida por um conceito abstrato, muito embora assumam características comuns originadas das condições físicas e dos próprios limites impostos pela sociedade. De qualquer forma, entendemos que,

*“ envelhecer é uma propriedade particular, com vivências e expectativas específicas que não reduzem a responsabilidade de vida e participação ativa no processo social, pois o velho é um indivíduo que continua sendo membro da Sociedade.”*⁹

⁸ Salgado, Marcelo 1988

⁹ Cit. Salgado, Marcelo, 1988

1.1- Dados Demográficos.

Mediante estas considerações da OMS (Organização Mundial Saúde)e a ONU (Organizações Nações Unidas), surgem apreciações e imagens negativas para a etapa da vida, que é a terceira idade. De acordo com a Organização internacional do Trabalho - (OIT) , ela acusa para o ano 2025, nos países industrializados, a existência de cerca de 270 milhões de pessoas inativas , com mais de 55 anos, significando portanto 38 idosos aposentados para cada 100 cidadãos ativos. nasce a necessidade de profundas transformações sócio - econômicas, visando possibilitar melhor qualidade de vida aos idosos e àqueles que se encontram em processo de envelhecimento. A OIT salienta que os países de Terceiro Mundo estão longe de alcançar esse objetivo, pois, além de serem política e economicamente dependentes de outras nações, possuem uma política protecionista que privilegia os indivíduos economicamente favorecidos em detrimento da maioria.

PROPORÇÃO PARA 2025 DE IDOSO EM ALGUNS PAÍSES.

Países	ANO 1999	
Itália	19,9%	25,0%
Alemanha	16,1%	23,0%
Bélgica	16,9%	23,0%
Francia	16,0%	23,0%
Holanda	13,6%	23,5%
Espanha	16,5%	23,1%
Suécia	17,3%	22,0%
Grã-Bretanha	15,7%	21,0%
Canadá	12,5%	20,6%
EUA	12,6%	18,5%
Brasil	5,02%	14,0%

* Dados retirados da Pesquisa Organização Mundial de Saúde em conjunto com OIT. (Org) no ano de 1999.

Todos esses dados nos revelam que precisamos melhorar a qualidade de vida para os idosos e uma melhor política, que os ampare. A terceira idade se preocupa principalmente com a própria motivação e o receio de imagem social, já que precisam ter claro em nossa sociedade o que é possível para eles e o que é aceitável para a sociedade.

“ Em 1970, não se falava em idosos, mais sim em velhos, apontam as pesquisas. O aparecimento do termo “ terceira idade ” apareceu nos anos 80, e indicou o reconhecimento da velhice como uma das etapas de vida e não mais uma antesala da morte. Nos anos 90 , o crescimento demográfico produzido pelos avanços da ciência fez os idosos reivindicarem melhor qualidade de vida , por meio de condições para compensar sua fragilidade e levar uma vida normal e autônoma. De acordo com a OMS, na próxima década a “ ex-velhice ” vai ser chamada “ idade do poder ” .

No Brasil , com uma vida profissional mais longa, já que a aposentadoria só será conseguida com uma idade mais avançada , a renda dos idosos será limitada, mas crescerá em

2025, pelo levantamento da pesquisa pela OMS. Estar em sua própria casa, como acontece hoje com 83% dos idosos, dos 11 países pesquisados, continuará sendo a situação predominante, mas os idosos que vivem com suas famílias vão passar a morar, em número cada vez maior em hotéis e residência com serviços. Trata-se de uma mudança importante, agora eles querem ser tratados como clientes e não como doentes. De acordo com pesquisas no Brasil e na Espanha a família continua a ser um apoio até por uma questão cultural (em todas as minhas entrevistas pode notar que a questão familiar é bem forte entre os idosos, que tem como base uma estrutura paternalista, portanto se apegam muito aos seus familiares), um modelo bem diferente dos canadenses e belgas, por exemplo, que compensam o distanciamento dos parentes recorrendo a entidades assistenciais.¹⁰

A pesquisa mostra também que o idoso, embora não tenha muito apoio, vem se mostrando disposto a lutar pelos seus direitos e seu espaço social, eles vem se tornando fortes como forma representativa e vários segmentos da sociedade, mostrando que querem ser respeitados.

A cada dia que se passa vêm exigindo melhor assistência médica e social. Eles não querem mais ser humilhados por sua nova disposição e novo papel na sociedade. Eles necessitam estar integrados às várias faixas etárias, convivendo em pé de igualdade com o resto da sociedade. E, por fim, buscam um novo espaço de influência, como reconhecimento de suas experiências e do saber acumulado. A terceira idade, vem mostrando várias formas de resistência ao sistema capitalista, e não querem mais ser desprezados ou deixados de lado.

¹⁰ Essas entidades sociais nos países europeus, são diferentes dos centros de convivência, no Brasil os idosos vão ao centros de convivência, utilização de seus serviços e depois voltam ao convívio do lar.

1.2 O que e ser Idoso para uma sociedade?

Estamos acostumados a viver em função de leis, isso já faz parte de um processo disciplinador, que com certeza a terceira idade está inserida. Para o idoso fazer parte deste processo, é ainda mais difícil, pois ele tem que se enquadrar não só em um processo disciplinador, mas também um quadro que só pertence a ele e ninguém quer fazer parte. A adaptação para o idoso, não vem de forma gradual e sim de uma forma brutal. O idoso não tem muita escolha: ou ele aceita ou isola-se ainda mais da sociedade. Para ajudar o idoso em todo esse processo foram “criados direitos” nos quais ele procura se amparar e relacionar-se com a sociedade.

A questão dos Direitos Humanos é relevante por si só, principalmente se levarmos em conta que até 2025 mais de 190 milhões de pessoas serão idosas no Brasil, por isso é necessário que a sociedade se prepare. A realidade brasileira, porém é outra diferente, no que se refere ao idoso, principalmente no que consta como direitos. O brasileiro não está acostumado a envelhecer, não se dá a devida importância para os direitos do idoso. Nós brasileiros achamos que a terceira idade, nunca poderá chegar, ou até mesmo preferimos dizer que vamos morrer cedo, do que chegar a ficar “velho”, já temos uma concepção social e até psicológica, que envelhecer é um mal, e que chegar a ficar velho é deixar de viver intensamente. A consequência é que sofremos por isso, não estamos preparados para fazermos parte de um grupo da sociedade, que muitas vezes julgamos mal, por não conhecermos e estamos impregnados de preconceitos. Muitas vezes a consequência é frustrante e penalizadora para uma sociedade que não prepara seu próprio futuro.

Eclée Bosi retrata bem a realidade de um idoso. Segundo ela, um homem em plena atividade se ocupa menos em lembrar e exerce com menos frequência a atividade da memória. Já o homem afastado do seu dia a dia, se dá mais habitualmente a refacção* do seu próprio passado.¹¹

Isso significa em outras palavras que o homem não pensa no futuro, procura viver sempre o presente, deixando assim para os mais velhos a memória como único valor. A pergunta é: será que o homem quando chega na terceira idade, sua única serventia é de

¹¹ Bosi, Eclée. Memória e Sociedade: Lembranças de Velho. São Paulo, 3ª edição. Cia das Letras, 1994, pp 63.

lembrar o que se passou para os mais jovens? Ou surgiu nestes últimos anos uma nova concepção do que é envelhecer?

As alterações sociais, ocorridas nos últimos anos, trouxeram par o idoso uma leva de novos valores e atitudes aos quais, ele não está acostumado. De certa forma a tradição entra em atrito com esses novos valores, e o idoso fica à mercê sem compreender. Muitas vezes ele se isola ou tem que aceitar o processo que a sociedade impõe. Não aprendemos ainda a respeitar certos valores já constituídos e muitas vezes queremos impor para o idoso qual é seu devido lugar. Mas que lugar é esse que pensamos em não fazer parte, mas que futuramente será nosso? Como podemos chegar a envelhecer sem nossos próprios preconceitos ?

Os primeiros valores da sociedade em um contexto capitalista são a rentabilidade, produção e o consumismo, junto como o lucro. Esses valores face ao idoso não fazem parte de sua vida, isso não é porque o idoso não quer, mas a própria sociedade o exclui. A sociedade esta cheia de preconceitos, principalmente no que se refere ao mercado de trabalho e até mesmo a própria convivência e diferenciada.

Para Ecléia Bosi, a sociedade rejeita o idoso e não oferece nenhuma forma de sobrevivência à sua obra. Perdendo assim a força de trabalho, o idoso já não é um ser produtivo e nem competitivo, portanto é descartado.¹² Nesse embate com o capitalismo, muitas vezes quem sai perdendo é o idoso, pois faz com que ele se sinta inútil com a diminuição do poder econômico.

As conseqüências de todo esse processo de exclusão da sociedade muitas vezes têm vários ângulos diferentes, que podemos analisar: um é ver um idoso que se sujeita a uma dependência relativa não só da família, mas também de toda sociedade, e outra é do idoso que faz de sua própria vitalidade, um objeto de resistência para com a sociedade. Mostrando que eles podem ser mais do que memória e ser ainda mais úteis, do que pensamos, como ajuda a essa resistência. Há também as Instituições, de apoio (onde encontram todo um aparato , como cursos , dança, empregos, assistência médica....).

*“ Idoso confrontado com a sua institucionalização , ele tem que redefinir seus próprios objetivos e abdicar de seus próprios objetivos pessoais e passar adaptar-se a uma situação que ele gostaria de ter evitado ”*¹³

Não pensamos dessa forma, principalmente depois das entrevistas e pesquisas, acreditamos sim, que para o idoso, estejam surgindo vários segmentos e perspectivas, graças

¹² Cit. Bosi, Ecléia. 1994 pp63.

¹³ Cit. Bosi, Ecléia. 1994 pp68.

ao próprio idoso , quem vem mostrando para a sociedade , qual e seu lugar dentro dela, e que ele não precisa ser excluído, seus objetivos pessoais não precisam ser mudados e sim complementados , ele passa a aprender e ensinar.

As várias formas de resistência do idoso, perante uma sociedade que não está acostumada a envelhecer, abre novos caminhos para uma novo idoso que surge, que futuramente a terceira idade possa ser chamada de “ idade do poder ”.

1.3 – Projetos e Políticas

Para que o idoso não fique sozinho o governo pelo menos inseriu na Constituição um artigo, que contribui essencialmente para que o idoso possa ter uma vida melhor. A lei foi promulgada em 05 de outubro de 1988, artigo 6º capítulo 12º Direitos Sociais, editada sobre a lei n.º 8.842 de 04.01.1994, são eles:¹⁴

Artigo 1º A política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação na efetiva sociedade.

Artigo 2º Considera-se o idoso para todos os efeitos desta lei maior de sessenta anos de idade.

Ao meu ver, por enquanto o governo ainda não pode assegurar todos os direitos do idoso por mais simples que seja, mediante a essas leis, pois ele deve propiciar soluções paliativas já que não consegue acoplar o grupo da terceira idade de uma forma mais ampla e digna, devem ser adotadas medidas em que a política ao idoso não esteja só em um grupo, mas também de comum acordo com toda a sociedade envolvida, as parcerias entre empresas e governo pode ser uma solução para todo esse colapso de idade.

Lei n.º 8.742, de 07 de dezembro de 1993- Lei Orgânica

Lei orgânica de assistência Social que Compete ao Ministério de Assistência e Previdência Social, Secretaria de Assistência Social. Essa lei orgânica tem como intuito principalmente condições alternativas do que possuem no momento, são as seguintes ações:

Benefício de prestação: “o idoso tem como garantia um salário mínimo mensal à pessoa de 70 anos ou mais que não tenha condições de prover subsistência, nem tê-la provida pela sua família, cujo a renda mensal percapita não ultrapasse a 1/4 do salário mínimo.”

No que se refere a esse benefício estendido ao idoso, tive curiosidade de saber como funciona todo esse processo, para que o idoso garanta um salário mínimo.¹⁵

¹⁴ Optei em reproduzir parte do artigo, que foi editado sobre a política nacional do idoso, para que todos saibam na íntegra como está editado o próprio artigo. logo em seguida faço algumas considerações sobre cada item do artigo.

¹⁵ Esse salário mínimo é garantido somente para o idoso, sem nenhum proveito de renda e que não tenha pago INSS (pessoas que não contribuíram com INSS).

Confesso que mais uma vez não foi animador, principalmente no que se refere ao poder público municipal. Acompanhei uma senhora já com seus 70 anos, para conseguir o benefício, começando por todo processo burocrático que encontramos no INSS chegando até a prefeitura municipal para falar com a assistente social. Resumindo: o idoso já começa a se sentir excluído a partir desse processo, segundo Dr. Osvaldo Vieira da Silva, especialista em Geriatria e Gerontologia, para ele aposentar é a primeira frustração do idoso

Centros de convivência : *“ Os locais destinados a permanência diurna do idoso, onde são desenvolvidas atividades físicas, laboratoriais, recreativas, culturais, associativas e de educação para a cidadania”.*

Centros de cuidados diurnos : *“ local destinado para permanência diurna do idoso dependente ou que possua deficiência temporária e necessite de assistência médica ou multiprofissional.”*

Casa Lar: *“ funciona na residência ou sistema participativo, cedida por instituições públicas e privadas, destinada a idosos detetores de renda insuficiente para sua manutenção e sem família”.*

Atendimento domiciliar e Asilar: *“ Domiciliar é um serviço prestado ao idoso que vive só e seja dependente, a fim de suprir suas necessidade de vida diária e o asilar vai garantir o atendimento integral prestado aos idosos que não possuam condições que garantam sua própria sobrevivência.*

Oficinas abrigada de trabalho e prorendas: *“ oficinas são locais destinados ao desenvolvimento pelo idoso de atividade produtivas proporcionando ao idoso oportunidade de elevar sua renda e prorendas são iniciativas que tem como objetivo o aumento da renda familiar por intermédio de micro- unidades produtivas”*

Se analisarmos a realidade do idoso no Brasil, comparada a esta política de ação do Estado, certamente constataremos a carência de efetivação por parte destes programas. A isto atribuímos, o desinteresse do Estado no sentido de destinar recursos à melhoria das condições de vida de um seguimento populacional inativo, e ainda ao desconhecimento deste seguimento populacional no que diz respeito aos seus direitos adquiridos.

Com certeza esses dois fatores são os mais responsáveis pelas injustiças cometidas, como por exemplo a falta de apoio ao governo às instituições sociais que se propõem assistir só idosos carentes, acentuando assim a situação de marginalizado social desses indivíduos e agravando ainda mais as imagens negativas que se tem sobre o idoso.

CAPÍTULO II

O que temos para envelhecer?

1.1- Trabalhar, envelhecer e aposentar?

Em uma monografia de 1998¹⁶, a autora faz referência ao dia 27 de setembro, que é o dia internacional dos idosos. Quando comecei a pesquisar tive a curiosidade de saber o que mudou e o que temos para comemorar?

Atrás dessas dúvidas fui em busca de algumas palavras, que mostram que nossa sociedade está buscando um caminho, mas o que descobrimos não foi nada animador, apesar de haver uma grande perspectiva para o idoso, digamos que percebemos a ponta do “iceberg”.

Um dos elementos que fazem parte da trajetória do idoso, sem dúvida, é a aposentadoria. Esta, por sua vez, pode significar para o idoso uma ruptura de identidade, implicando assim uma reorganização em sua vida. A terceira idade no contexto capitalista do imaginário da sociedade moderna, está fora de todas perspectivas. Para esta sociedade, o trabalho é exaltado e tem caráter de obrigação moral e social.

Quando uma pessoa se aposenta, literalmente, ela se sente excluída, devido até mesmo o seu próprio medo e preconceito _ parar de produzir significa “aposentar”, pelo menos para o mercado de trabalho, e assim o idoso tem que recomeçar a “viver”, partindo da aposentadoria.

Aposentadoria para muitos é um martírio, e acreditamos que mudando esse quadro aos poucos, através de apoio e programas alternativos, essa fase passa a ser prazerosa e também a melhor fase da vida.

Nos últimos anos houve um sensível aumento na população brasileira, se referindo principalmente à terceira idade, um dos fatores principais já foi citados neste texto, sem dúvida foi o aumento do nível da natalidade do país.

Devido ao alto índice do custo de vida, as famílias vêm mudando crucialmente o seu estilo de vida, reduzindo assim o planejamento familiar, tendo apenas um a dois filhos. Portanto, como já era de se esperar nosso Brasil está gradativamente envelhecendo. Na década de 80 a proporção de uma criança em uma família era de 03 três, hoje um casal pensar em ter somente de 01 um até dois 02 filhos.¹⁷

Quando olhamos para esse quadro, pensamos no óbvio, já que nosso país está envelhecendo, que temos uma infra estrutura e projetos junto ao governo para assistir à toda

¹⁶ Souza, Andréa Leite Lisboa. Monografia de conclusão de curso de Bacharel em Serviço Social conferido pela Escola Serviço da Universidade Católica Salvador, de 1998.

¹⁷ Censo comum 1981. IBGE.

sociedade. Mas a realidade brasileira é outra, pouco e vem sendo feito por parte do governo de uma forma mais expressiva. Os idosos estão sobrevivendo sozinhos e com ajuda de Instituições, o pouco que se tem feito é pelos próprios idosos através de reivindicações e manifestações.

Embora haja tanto antagonismo, por parte da sociedade, e de fato que os brasileiros, vem aumentando expressivamente a longevidade_ isso acontece com certeza devido a própria melhoria das condições de vida.

O crescimento da faixa etária da terceira idade é relevante, pois através desses aspectos é que ficamos mais atentos às políticas sociais e também às novas transformações e segmentos culturais, portanto, ser idoso significa ter um custo elevado, segundo o Ministério da Saúde, e além disso, se prolonga a manutenção do salário - aposentadoria e também o aumento da necessidade específicas de instrumentos para a terceira idade.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), tem uma estimativa que se investir em uma criança, ela dará um retorno considerável até os próximos 60 anos, enquanto o idoso não dá retorno em investimentos, pois sua vida, já não é mais produtiva, e ele requer cuidados tanto médicos como sociais e acordo com OIT, o idoso não é encarado como um investimento.

A falta de uma atividade profissional no indivíduo considerado como idoso, certamente acarreta uma profunda mudança em relação ao estilo e ritmo de vida, exigindo um esforço de adaptação. Afinal parar de trabalhar é perder o papel profissional, e a perda de uma identidade, e vai desde a perda de papéis junto da família e da sociedade. Muitas vezes todo esse processo leva o idoso ao isolamento. Por outro lado, o distanciamento do aposentado da convivência com diversos grupos e concomitantemente, faz com que a sociedade também se distancia do aposentado, não convocando para participar, e não reconhecendo a sua própria existência social. Em decorrência desses fatores, e das exigências da sociedade moderna, vem com certeza uma etapa não muito agradável que é o isolamento social do idoso.

Quando o idoso chega em um quadro de isolamento, é um desafio tirá-lo desse estado e muitas vezes não conseguimos. É nesta hora que as Casas de Apoio e Instituições buscam alternativas para os idosos entrarem um conjunto. E devido todas as minhas pesquisas pude notar o quanto para o idoso é importante ter um espaço , em que ele sabe que é respeitado e querido. Sabemos que ao longo de nossa existência somos submetidos a um processo educativo, que nos induz a um engajamento continuo, seja como profissional ou por grupos sociais. Nos responsabilizamos com a sociedade, adquirindo papéis voltados para o trabalho e para a família, mas no decorrer dos tempos aos poucos perdemos essa autonomia

social, principalmente quando chega o advento da aposentadoria. a partir desse momento o idoso passa a se sentir limitado em formular novos projetos de vida, principalmente porque agora alguns têm mais tempo. De acordo com Guillemand

*" para se encontrar novos papéis e se desenvolver atividades durante a aposentadoria é preciso estar ativo e poder mobilizar (...). Quem não acumula recursos encontra a morte social na aposentadoria, sendo caracterizado como espécie de marginalidade, não descobrindo fórmulas de transformar. "*¹⁸

A interrupção da vida do trabalho pela aposentadoria resulta na desorganização individual e pessoal, porque o excesso do tempo livre, aliado à pobreza das tarefas e ocupações cotidianas, sem a presença das funções da atividade profissional, essa relação leva o idoso a sentir desigualdade perante aqueles que ainda trabalham, sem falar das dificuldades para manutenção de relacionamentos sociais, construídos naquele ambiente, com isto o aposentado sente-se isolado, favorecendo a perda de suas capacidades intelectuais e consequentemente fica desatualizado do seu próprio mundo.

Em suma é necessário sanar que a aposentadoria é um perigo para aqueles que ainda não estão preparados para se afastar das atividades produtivas, pois, ameaçam o equilíbrio emocional e a harmonia do indivíduo. Sem que percebam, o próprio idoso acaba entrando na condição de consciência negativa, que a sociedade coloca para o idoso do próprio envelhecimento. Mas uma vez bato na mesma tecla: é necessário, indiscutivelmente, ações educativas ou uma proposta que ajude o idoso a se preparar para valorizar tempo livre decorrente da aposentadoria.

O processo de redefinição da vida a partir do próprio envelhecimento ou da aposentadoria resulta no despertar das pessoas idosas para os valores do lazer com dimensões socialmente produtivas, capazes de reagrupar as diversas funções sociais que, ao longo da vida ativa, se distribuíam entre o trabalho, a sociedade e a famílias. Por outro lado, preparar-se para o envelhecimento significa conhecer o processo natural da velhice, seus limites reais, viver com os preconceitos, no sentido de se reduzir a perda da auto estima que acomete a todos aqueles que vêm no envelhecimento um tempo de perdas, que vêm a velhice apenas como última etapa da vida.

Diante de várias questões analisadas frente a problemática á social e econômica, política e cultural da população idosa em nossa sociedade, procurei também analisar de que forma o governo pode ajudar, o que há de novo em projetos e instituições de apoio.

¹⁸ Guillemand Apud Salgado. 1996/11.

Segundo Simone Beauvoir "*a velhice tenha sido sempre evitada, a situação dos idosos em alguns momentos da história em determinadas culturas foi mas favorável. Todavia prevalece em nossas dias uma visão profundamente negativa em relação à velhice. Desprovidos assim de suas funções sociais como consequência da aposentadoria, os velhos dos inúteis, improdutivos e um peso para sociedade*".¹⁹

Perante tantas contradições existentes na sociedade atual, de um lado constatee um acelerado crescimento de idosos, por outro, observei que a sociedade também omite ou adota atitudes preceituosas sobre o idoso, protelando, portanto, a implementação de medidas que fazem atenuar a problemática daqueles que ingressam na terceira idade.

¹⁹ Simone Beauvoir. "**A Velhice**". Paris, 1970 - SP

1.2 - Auto-estima e violência andam juntas

Um quadro que vem crescendo frequentemente é o da violência para com o idoso, e muitas vezes o idoso não arrisca a fazer denúncias por vergonha e também por medo da própria família, com medo de sofrer as próprias consequências. No Brasil pouco se conhece sobre a violência contra os idosos. Por enquanto não estatísticas de quantos são agredidos, nem o perfil dos agressores, mas geralmente são pessoas da própria família.

Um dos fatores que dificulta a denúncia, além da perda da auto estima e da moral é o difícil acesso às delegacias, pois são poucas cidades que possuem uma delegacia de proteção ao idoso, embora haja também alguns departamentos de apoio, são poucos que procuram a polícia para denunciar. Como já foi dito antes, o silêncio tem lá suas razões, muitos agredidos se sentem envergonhados. Além disso, muitos dependem do agressor e por isso temem que a situação pior. Em uma entrevista à TVE no programa Roda de Fogo, a coordenadora da Pastoral da Terceira Idade de São Paulo, Irmã Maria Luiza Nogueira, concorda “*em que lá eles vêem coisas terríveis e muitos morrem sem admitir que foram vítimas da violência*”. Para a Irmã Maria Luiza Nogueira é fundamental lutar pela qualidade de vida “*infelizmente o idoso é vítima de uma sociedade que ajudou a construir*” diz ainda mais: “*precisamos criar mecanismos de proteção para pessoas que passam por abusos que vão desde roubo de dinheiro e propriedade até a torturas físicas e psicológicas*.”

Tive a curiosidade de pesquisar na Delegacia de Uberlândia ocorrências que se refere a pessoas com mais de 60 anos, e para meu espanto 20% refere-se a roubo, principalmente em dias de pagamento em banco de acordo com as pessoas da própria delegacia o índice é maior, mas o idoso na maioria da vezes não dá queixa à polícia e vai para casa. Outra porcentagem é de abusos e agressões: Mais uma surpresa somente 10%. Achamos certamente que íamos achar um índice mais elevado em vista de outras ocorrências e um dos índices maiores foi de homicídios contra idosos: 70%. Através de pesquisas, ou até mesmo de questionamentos feitos aos próprios idosos, descobrimos que o índice de denúncia por violência é baixo.

Uma das razões, no que podemos dizer, é que muitas vezes o agressor faz ameaça de morte e ainda o coloca perante os vizinhos como louco e desequilibrado, o fato é que o idoso não tem a quem recorrer pois não acreditam em sua palavra nele e ele mesmo se sente

envergonhado.²⁰ O papel da família perante o idoso é fundamental na vida dos diferentes sociedades, sendo ela transmissora de uma ideologia dominante, que pode influenciar e cuidar da parte que cabe a uma pessoa, a família é uma abertura para o ser humano e sem dúvida desempenha o papel de agente socializador.

Embora reconheçamos a importância da família em todo o processo social e cultural de formação, a família vem com o tempo perdendo o significado para maioria da sociedade e em especial aqueles que se orientam pelo regime capitalista.

A perda de um referencial e de funções concernentes à família tem desencadeado alterações em todo processo social e cultural, sobretudo no que se refere ao idoso, porque ao se afastarem da vida produtiva, perderam também o seu poder econômico político e social, sofrendo consequências que vão até à violência física.

²⁰ Este é apenas um dos motivos que conseguimos identificar, através de relatos de vizinhos e pessoas do nosso dia a dia, que contam suas experiências vividas

1.3- Aprendendo a viver de um jeito ou de outro.

Mas nada está perdido, embora apareça tanta contradição, o idoso tem seus direitos e também tem o direito de procurar outra vida. Com uma perspectiva de vida maior depois da aposentadoria, os idosos estão dispostos e procurando atividades fora de casa. Em uma matéria de jornal, podemos perceber bem o novo segmento de idoso que está por vir, e aquele que não se cala, aquele que sai e vai dançar e namorar e até mesmo passa a tomar conta de casa novamente, pois muitos filhos quando separam, ou por outro motivo, acabam retornando à casa dos pais. (jornal hoje 05.2002). Este quadro está mais explícito principalmente nas grandes capitais, e até mesmo no nosso próprio dia a dia.

Para termos uma idéia, o mundo capitalista já observou que trabalhar com idosos, é vantajoso e seguro. Assim temos desde os cursos de informática, agências de viagens especializadas em idosos até mesmo lojas de “sexshop” com especialistas para a terceira idade.²¹ O certo é que vivemos em um paradoxo, pois vivemos em uma sociedade que não está preparada para absorver a terceira idade, mas ao mesmo tempo procuramos uma forma de buscar esse idoso, que teoricamente está sem nenhum afazer. Em suma, é meio cruel se olharmos para esse lado que é o do capitalismo, mas se olharmos também por outra fresta da janela, vamos ver que, embora haja uma forma de exploração da pessoa enquanto cidadão e pessoa, o idoso também passa a contar com uma infra estrutura que antes não estava no seu alcance, garantindo assim uma melhor condição de vida e mais longevidade.

Os avanços foram claros, mais ainda precisamos melhorar em muitos setores da sociedade, como afirma Marc Lesson em uma matéria publicada no jornal Le Monde (1986) que: “*Se a sociedade inventou a velhice, devem os idosos reinventar a sociedade*”. Talvez o lado do mercado consumidor possa ser um segmento, para chamar a atenção e daí o idoso conseguir uma forma de protesto ou de reivindicação.

Um outro fator relevante e que ficou bem claro neste último censo do IBGE, é que cada vez mais os idosos, vem deixando sua marca, pois muitos tomam conta da renda familiar. E são eles que fazem as despesas da casa, e, como já foi citado antes, muitos filhos quando se separam vão morar novamente na casa dos pais.

²¹ Fernando Saldanha, dono de uma Escola de Informática Infow, diz que das 10 turmas, seis são ocupados pelo pessoal acima de 60 anos. “ todos querem ficar plugados e aprenderem ” confirma a aluna Maria Júlia Lopes, 80 anos e ainda diz que tem disposição e vai escrever um livro.” Revista Isto é nº 1598 – 17/05/2000 Seção Comportamento.

Nota-se a intenção explícita de marcar uma nova imagem dos idosos. Enfim temos portanto reunidos de um lado, a saúde e de outro, o discernimento em contraposição aos estereótipos da caduquice e da apatia, nas falas se da importância ao passado de trabalhador, como contraponto ao estereótipo do “velho” que antes só pensava em comer, dormir e reclamar. Este novo segmento sugere, sem dúvida, que ao idoso ainda cabe um papel ativo é importante junto à família.

Um outro elemento importante é o fato do idoso, além de ganhar sua aposentadoria, ir também atrás de outros afazeres. Os dados coletados, indicam: a maioria dos idosos inserido no setor informal de trabalho possuem entre 60 e 79 anos de idade, não concluíram o 1º grau, são aposentados, moram em residência própria em bairros da periferia de Uberlândia e possuem mais de três dependentes; realizam atividades como: ambulantes, fotógrafos e Office-boy, guarda noturno. As mulheres fazem trabalhos artesanais em casa, além de trabalharem como vendedoras de produtos cosméticos. De uma certa forma a terceira idade está produzindo, mas de uma maneira não declarada.

Concluimos então que, mesmo aposentados, os idosos necessitam voltar ao mercado de trabalho, devido às baixas condições salariais ou até mesmo pelo prazer de ter um trabalho. Os dados preliminarmente mapeados revelam a situação de precarização do trabalho do idoso, aliada à desproteção jurídica. Quanto ao significado atribuído pelo idoso à atividade, os entrevistados expressam a “liberdade” proporcionada pelo trabalho.

CAPÍTULO III

Novos olhares e novos segmentos.

O envelhecimento transformou-se numa questão de peso para a economia, a partir daí a vida social e cultural da sociedade contemporânea vem sendo redefinida como uma experiência de objeto de gestão coletiva. A ampliação das camadas média e extensão de regimes previdenciários à todas as categorias fez com que a preocupação com a velhice não se restringe-se só a setores empobrecidos. Um exemplo disso são os sindicatos, que muitas vezes encaram o problema da aposentadoria simplesmente com suas práticas reivindicatórias e o Estado elabora políticas para lidar com a questão. Todos querem sair da melhor forma possível, sem levar em conta o que vai ser da parte mais interessada, que é o próprio idoso.

Todo esse processo desgastante para o idoso, que fica de certa forma sem saber onde se apoiar, possibilitou o surgimento de novas sensibilidades e também de novas formas de gerir o envelhecimento, fazendo que cada um procurasse, um novo sentido para o amadurecimento da vida e para a própria sociedade.

Nas pesquisas podemos percebermos que qualquer seja a forma que o idoso buscar para se integrar à sociedade, esta forma inicia-se principalmente pelos laços da família e depois através de grupos e por fim das relações sociais. A referência maior ainda permanece sempre o que está para acontecer ou o que aconteceu perante o trabalho e a aposentadoria. O nascimento e o desaparecimento de algumas atividades a partir daí vão fornecer elementos para uma nova identidade pessoal.

SOCIALIZAÇÃO

Perante todos caminhos traçados pelo idoso, estamos diante de um dos novos alentos para a “terceira idade” onde o idoso sai de seu espaço individual e passa a compartilhar suas experiências com seus colegas. Ao compartilhar suas experiências saindo do individualismo e apoiando-se em outros indivíduos, o idoso passa por uma auto-afirmação. Isso trás conseqüências, que vão gerar desde relações afetivas e até o que “eu chamei de uma forma de resistência para com a sociedade capitalista.”

A socialização é um elemento essencial para o idoso, que torna capaz de resistir aos preceitos da sociedade, pois quando ele sai do aconchego de sua casa e entra em vários espaços públicos (que são exclusivos para ele), o idoso se sente mais forte e com isso indiretamente ou diretamente, ele passa a praticar uma forma de resistência para com a sociedade. Aproximando as experiências coletivas das trajetórias individuais e da diversidade dos domínios da atividade social, procuramos entender o mundo das relações postas em prática nos diferentes tempos vividos pela sociedade. Se há uma continuidade ou descontinuidade, para isso é necessário saber do que se constitui essa sociedade, os momentos significativos de ruptura e duração. Ou seja, até que ponto ser idoso é um processo de ruptura para uma sociedade ou simplesmente uma forma de continuidade quando utilizamos o subterfúgio da memória para com o idoso.

RELIGIOSIDADE NA TERCEIRA IDADE

Dentro do processo de socialização podemos perceber que a religião é, basicamente para alguns, um alicerce para dar sentido a uma nova vida. A religiosidade como forma de satisfação na vida é uma forma de ampliar o espaço que o idoso passa a integrar e ele, de certa forma, passa a ter atividade produtiva. Entretanto, em nossa pesquisa podemos constatar que muitos idosos já praticavam a atividade religiosa, mas com a chegada da aposentadoria o que houve foi um aumento dessas atividades religiosas, fazendo assim parte de um projeto de vida permanente. O que pretendemos exatamente nesta pesquisa é buscar como se dá, este tipo de “resistência” e como o idoso está enfrentando todo esse processo dia a dia. De fato, não conseguimos totalizar nossas pesquisas, mas abrimos um caminho, para ser pesquisado, pois falar e pesquisar sobre terceira idade é imensamente gratificante. Através das entrevistas ficou mais evidente que o idoso não é mais aquele que fica em casa ou em um asilo. Ele agora vai ao baile namorar e pratica esportes e está informado sobre política e também faz parte de grupos diversos. Com certeza, todos esses elementos fazem parte de um processo de resistência do sistema capitalista, que no fundo não contava com essa transformação, tanto do lado social como cultural e política, pois na concepção de um mundo capitalista, o idoso não tem vida ativa, portanto não produz e quem não produz está fora, “quem pensa assim está redondamente enganado.”

A religião em si passou a fazer parte do idoso e ajuda a enfrentar os obstáculos de uma sociedade.

MEMÓRIA

Através da memória procura-se resgatar elementos da vida e o idoso procura buscar nas lembranças o próprio presente, moldando assim seu próprio território e se autodeterminando, pois com memória o idoso busca um elemento para se integrar à sociedade mostrando assim que, através da experiência e da memória ele pode elaborar seu próprio espaço, segundo Ecléia Bosi.

*"Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categoria de métodos, cheios de sentidos e úteis para o presente, as lembranças já começam a modificar experiências, hábitos afetos convenções vão trabalhar a matéria da memória."*²²

Pela memória o idoso reencontra cotidianamente um sentido para a vida. (pelo menos é o que pode se perceber nas entrevistas). A memória tem esse poder de reprodução do passado e de transformação do presente. Um pouco espelho do passado, um pouco idealização de um dever coletivo. Porque eles perderam espaços de referência da identidade, é no tempo que encontram um depositário repouso para usar memória, quando podem devanear em tempos imaginários, retrospectivos ou anunciadores. Discutir o papel da memória no processo de envelhecimento significa, pois, abordar um *lôcus privilegiado de construção de identidade* do ser idoso e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Passando assim a refletir todo um universo de representações e significados, a memória atualizada pela categoria de lembrança, constitui, ela própria uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida. O que chamei de novos segmentos dá-se na representação de um ritmo cotidiano, ritmos temporais que são, dialeticamente, estranhos e familiares, conflitantes e desejados, que põem em evidência embates de forças conservadoras e forças transformadoras, mas que destacam ainda a real força de emergir ritmos para construir um tempo que lhes assegure, uma duração social.

Para buscarmos aprimorar a pesquisa nas entrevistas procuramos pessoas não de uma só entidade, mas também de vários espaços públicos como clubes da cidade, praças, além de outros, e procuramos identificar através de vários relatos, elementos que possam nos ajudar. Por escolha metodológica optamos por começar as entrevistas através de relatos partindo da vida de cada um. Quando chega à hora do processo de aposentadoria até chegar o momento

²² Idibem Eclea Bosi p 419

do espaço físico que ele está. A seguir apresentamos os relatos colhidos através de depoimentos das pessoas que colaboram para pesquisa:

DONA ROSINA SANCHES MARTINS Dona Rosina Sanches

Martins frequenta o SESC há 12 anos.

“ Já frequento aqui há 12 anos, desde que me aposentei da área de educação, meus filhos todos trabalham com educação, minha vida é maravilhosa, conheci o SESC através de amigos que já frequentavam. Adoro o que faço tanto aqui como em outros lugares.”

Quando perguntei a Dona Rosina se ela sentia falta do trabalho ou de algo em sua vida ela me disse em bom tom *“no começo sim, mas agora não, pois já assumi meu verdadeiro lugar, faço trabalhos como voluntária na APARO, que conheci através de minha irmã que sofreu muito e lá na APARO eu pude ajudar não só ela, mas outras pessoas também, faço teatro e uma outra atividade que gosto de fazer, pois, viajo muito com a apresentação das peças, nós aqui estamos com um projeto lindo em conjunto com a UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e o departamento de Artes com o Carlos e Margareth Couto.”* Mais uma vez, em sua entrevista, ela enfatiza o quanto gosta de viajar. Quando perguntei a ela dos filhos e de namorados, respondeu: *“Tenho três filhos e todos me apóiam no que eu faço, adoro viajar e gosto mesmo é de mexer com as danças folclóricas e também gosto de ler, já fiz até um livro de contos, que foi publicado e tem poucos exemplares, se você quiser posso trazer para você. Quanto a minha idade , tenho 7, 2 (achei interessante à forma como Dona Rosina descreveu sua idade, para ela é forma de reduzir sua idade colocando ponto). É, minha filha, tenho isso tudo, mas não tenho vergonha de dizer quantos anos tenho, sinto o maior orgulho de viver e tenho todos os meus dentes... Isso é bom demais... Agora quanto a namorado, quero mesmo é ficar sozinha, meu marido morreu há seis anos, e não quero saber de homem, me mandando. Mas isso não significa que eu não posso dar minhas olhadelas nos bailes...Minha filha, a vida é boa demais temos que saber é aproveitar, e quem não faz nenhuma atividade morre aos poucos e da razão aquele povo falando que diz que velho é só para ficar em casa, na cama...*

A essa gente sim me irrita profundamente achar que velho está morto é coisa do passado, e não me incomoda nenhum pouco, com aqueles que falam.

SR. ANTÔNIO FERNANDES MOURA

Sr. Antônio Fernandes Moura frequenta o SESC há um ano.

“ Vim conhecer o SESC depois de muito tempo de aposentadoria, tenho doze anos de aposentado e só frequento aqui há um ano, vim sozinho, porque precisava conhecer aqui só... (neste momento Sr Antônio fica parado pensando sem responder durante um segundo aproximado), a e também porque senti que estava faltando algo, sou aposentado da Cemig e sempre dei o maior duro, quando aposentei senti muita falta e não sabia o que fazer, principalmente porque me separei da mulher quase na mesma época, fiquei um pouco sem rumo e aí saí procurando o que fazer. Agora não, já tenho meus amigos e vou também em outros lugares para dançar um forrozinho. Moro com minha filha caçula e de vez em quando dou umas namoradinhas, adoro vir aqui, e tenho muito orgulho de ser o que eu sou hoje.”

Percebi que algumas vezes o Sr. Antônio se sentia agitado e mudava de assunto, falava de vários assuntos, tudo ao mesmo tempo. Ele senti muita falta do trabalho e custou a suprir a necessidade do trabalho com outras atividades, ele disse ainda para mim, que ainda sente falta do trabalho na Cemig, o interessante é que ele sente falta é de trabalhar, e não do lugar propriamente dito. O que ele que é se sentir valorizado perante sua filha e os outros, mas ele próprio me disse que está procurando suprir o status de homem trabalhador, pelo status de um homem que já viveu muito e tem muito a ensinar para todos, a questão maior é o da imagem de um homem trabalhador e na terceira idade isto não se faz mas presente. Para um homem principalmente, este fato o incomoda mais do que na mulher, pois já está introjetado pela sociedade que ele deve prover alimentos para uma casa e, basicamente, impor respeito como o que manda em tudo em casa. *Sei que um trabalho faz falta para por ordem em casa com aquele que manda, mas o que eu posso fazer se não tem mais lugar para mim ai fora, o que eu posso fazer aqui eu sei, é dançar e mostrar que ainda posso fazer um monte de coisas, lá em casa, por exemplo, faço de tudo um pouco e também ajudo minha filha com a aposentadoria.*

SR MARIO IYAGUI, freqüenta vários ambientes um deles e o clube de dança Fazendão, esta entrevista foi dada quando caminhava na praça Sérgio Pacheco. Sr Mário tem 84 anos é jornalista aposentado.

“ Minha filha já trabalhei muito, desde colheita de café até já fui babá de criança para não passar fome e conseguir terminar meus estudos que naquela época não era fácil, vim de família pobre, minha família chegou ao Brasil 1937 em busca de uma vida melhor. Passei primeiro por São Paulo, depois vim para Minas em Belo Horizonte, logo depois me casei e vim parar aqui em Uberlândia. O que mais gosto de fazer nessa vida é viver... (Sr Mário começa a rir), brincadeira, além de rir eu também gosto de dançar e namorar, mas ainda trabalho, pois quem não trabalha enferruja. Faço muito poesia, pretendo lançar um livro delas futuramente e adoro fotografar, além de trabalhar com meus “Bonsai”, eles me dão mais expiração para viver. Pretendo trabalhar até o limite da minha capacidade para contribuir com a sociedade. ”

SR. GENÉSIO MARCONDES, 92 anos. Sr Genésio é apenas apreciador de uma boa música e vai à praça Sérgio Pacheco para ouvir música com seu rádio, nos finais de tarde. Ele é advogado e ainda advoga, faz também hidroginástica na Educação Física, fazendo parte do grupo NADEP.

*“ Advogar para mim é uma terapia se eu parar acho que atrofio tudo, adoro a profissão de advogado, e faço por amor. Na minha vida não ganhei muito dinheiro, e o que eu ganhei não soube guardar, mas não tem problema eu não vou chorar o leite derramado, vivo bem com a minha aposentadoria e meus clientes que ainda confiam em um velho advogado gagá, de vez em quando eu nem cobro meus honorários, alguns que vêm aqui em minha casa tem menos do que eu. Trabalho 08 horas por dia e adoro aprender tudo que é novo, pois minha filha, data vênia, um advogado tem que se manter atualizado, não é por que sou velho que tenho que ficar para trás, aprendi até e mexer em computador, meu filho me deu um, que dá para o gasto... não navego na Internet, não tenho paciência, mas uso o computador como substituto para a minha máquina velha de escrever. Adoro ouvir música, sou um pé de valsa, de vez enquanto um no CEAI, lá no bairro Jardim para dançar. Ultimamente não tenho tido muito tem. O **Trabalho** ajuda a preservar a capacidade intelectual em mais ficar sem uma atividade, significa deixar o caminho livre para depressão. Eu acho que dou um banho em muitos rapazes novinhos, a moçada hoje não quer saber de usar a razão ela tem preguiça até de pensar. (Quando perguntei ao Sr. Genésio quando ele pensar em parar de trabalhar, veja a resposta): Só quando ficar doente ou quando as dificuldades relacionadas à idade começaram a prejudicar meu desempenho. ”*

Senhª MARIA DAS DORES FONSECA E SILVA, têm 87anos é uma dona de casa e ainda acha tempo para muito mais, e frequentadora do NADEP da Educação Física e do grupo de Dança da EDUCAÇÃO FÍSICA. Através da dança já se apresentou em vários lugares, ensaia diariamente.

“ Tenho 87 anos, sou mãe de cinco filhos, e uma ainda mora comigo, meu marido é contador aposentado e eu ganhei a aposentadoria por idade, aqui em casa a gente se vira, pois minha filha está desempregada e nós dois é que damos conta do recado. Porque os filhos mesmo são poucos que ajudam eles, mais reclamam do que ajudam. Vivem apertados, de vez enquanto eu até ajudo um ou outro, a minha filha que mora comigo fica dizendo que todo mundo aproveita da minha boa vontade, mas ela se esquece que mora no mesmo teto que eu. Eu acabo não dizendo nada, e fica por isso mesmo... desculpa minha filha acho que falei demais e não falei nada... bom, além da minha filha, acho que falei demais e não falei nada... bom, além da minha aposentadoria faço uns doces para fora, que ajuda bem aqui em casa, e ainda sou voluntária de uma instituição ajudo na confecção de pizza, essas pizzas são para ajudar a instituição complementar à renda, para ajudar os mais necessitados. Faço muita coisa mais quando chega à hora de ir para a Educação Física, ninguém me segura. Gosto de “viver”. Não gosto de ficar parada, quem fica parada só busca tristeza e mágoa.

SR MARCINDO CAPELINIO, tem 84 anos é sapateiro e frequenta há dois anos a INSTITUIÇÃO DO LAR, oitava unidade que fica no Bairro Cidade Jardim.

“ Aprendi minha profissão muito cedo, com 09 anos, com meu pai, aos 18 anos tinha minha própria sapataria, a renda é pouca mais dava para viver, eu aposentei muito novo, com 55 anos, um problema nas vistas em impediu de continuar a profissão... (neste momento o Sr. Marcindo fica em silêncio). Depois de dois anos sem fazer nada, e eu quase morri de depressão, descobri através de um amigo a instituição LAR, e passei a frequentar no primeiro momento só como ouvinte, logo depois fui conhecendo outras pessoas e passei a participar de várias atividades, descobri também que tudo que aprendi não ficou ao léu, como sabia todos os detalhes do meu ofício, aprendi a trabalhar com o pouco de visão que me restava, e assim comecei a ensinar que não tinha nenhuma profissão e também os meninos de famílias pobres. Hoje meu tempo é dedicado a ensinar, sentem prazer em ensinar. Aprendi que temos que lutar com o que temos em nossas mãos e Deus, me deu essa chance e dom de ensinar porque não Compartilhar... ”. Não. “Considero o que faço um trabalho... Considero uma terapia... Para sobreviver esse mundo que pensou em me deixar de lado, mas eu fui lá e consegui mostrar que não estou apagado estou vivo. Para ensinar e aprender.”

SRª ERMELINDA DA SILVA, tem 72 anos, frequenta o SESC há mais de seis anos.

“ Frequento o SESC há mais de seis anos, conheço aqui bem antes de frequentar o grupo da terceira idade, eu praticava pintura, comecei aqui com a professora Catarina, depois vim para o grupo, eu frequento aqui, as quartas de sábados, eu também adoro dançar Catira que eu adoooo... (perguntei a dona Ermelinda se ela frequentava outra instituição e foi bem clara e categórica, disse que só frequentava o SESC, sente um certo receio de procurar outros clubes e também de preconceito) eu não frequento outro lugar, mas faço aula de dança em uma academia e trabalho de vez enquanto, sou cabeleireira, eu tinha um salão, mas agora aposentei e só atendo as clientes mais antigas e me procuro, eu procuro sempre completar os espaços da vida, faço também meus panos de prato. Perguntei a dona Ermelinda sobre namorado ela disse não meu marido morreu e eu “ainda” não estou preparada para ter namorado “ainda não (dona Ermelinda fez questão de colocar o ainda em ênfase...)!

Quando perguntei se ela sente falta de alguém em casa dona Ermilenda, disse que não: *e morar sozinha, mas meus filhos vivem todos em volta de mim todos me consultam me falam as coisas, quando precisam de um auxílio eles me procuram... Agente tá montando até uma escola de pintura em madeira junto, eu vivo sempre arrodada. O idoso minha filha não pode parar. Assim como eu não parei, eu acho que toda pessoa não deve parar é bom demais. ... Você me pergunta o que acho dos jovens de hoje... Você quer saber mesmo, eu sinto que eles são mais moles, fique a gente... Minha filha né, eu falo assim vamos fazer uma academia e dançar, ela fala assim à mãe do cansada. Até pouco tempo ela começou com depressão, eu disse que era para ela largar de ser boa menina, vai fazer alguma coisa, vai para a academia, ou ajudar alguém para você vê se essa depressão não passa. Eu estou com 67 anos*

e não parou. Amanhã por exemplo tem um baile dançante lá no “LIVERPOOL”, eu chamo minhas colegas e lá vamos nós! E depois na sexta-feira tem baile dos aposentados lá na associação dos aposentados, fica lá perto do mercado municipal, se você for lá vai ter um monte de velho para você entrevistar. Você quer saber eu estou aproveitando o que eu tenho... Quando achei que dona Ermelinda já tinha falado tudo ela mesma me surpreendeu, pois começou a falar de uma fase de sua vida, que para ela não foi muito bom, mas serviu como ela própria fala, para dar valor na vida...

“ Teve uma época na minha vida, que foi muito difícil, aqui no SESC eu só fazia pintura em tela, acabei largando, fiquei uns três meses em casa, sem sair, quando eu sai na rua depois disso eu não sabia nem atravessar a rua, eu fiquei sonza, aí eu pensei, meu Deus não posso parar, agente fica ruim sem saber o que fazer, hoje eu balanço para lá e para cá... vou a qualquer lugar... eu não deixo à vida tomar conta de mim eu é que tomo conta dela direitinho e ainda coloco ela para aprender.... ”

Em suma, os idosos não acreditam na obrigação de envelhecer, vivem no presente e tem planos para o futuro e curtem saber que vem muito mais pela frente do que o que ficou para trás, que vale a pena investir em seu bem estar, em vão “ chegando ao 100 anos.”

Considerações

Finais.

Após toda pesquisa, fica claro que inserção do idoso, enquanto sujeito histórico, auxiliou na ampliação da visão que se tem do passado e de um presente. Esperemos que esta pesquisa quebre tabus e falsas imagens, abrindo caminhos que reviveram as noções sociais de uma sociedade. Este estudo sobre o idoso serviu principalmente para mostrar o quanto progride a estrutura social e quando idoso passa a resistir a um processo capitalista e passa a alterar as bases que já estavam fundamentadas com o tempo no que se refere ao seu próprio destino, colocando assim em xeque uma sociedade patriarcal e extremamente capitalista. Ou seja, quando o idoso passa a questionar seu verdadeiro lugar na sociedade. O idoso demonstra que a diferença não pode ser pensada biologicamente, e passa a questionar seu papel nas formações sociais e culturais. Em toda pesquisa podemos notar que o que o idoso quer é apenas seu espaço e ele não precisa que ninguém tenha piedade. Ele é capaz de superar vários obstáculos e mostrar que pode ser uma pessoa ativa, tanto no social, politicamente. A questão não é só envelhecer com dignidade, a questão é saber sobreviver em uma sociedade que ainda não aprendeu o que é envelhecer, e estar preparado para resistir, a qualquer obstáculo. Deixe para falar um pouco das minhas angústias no final, pois acreditei que não seria ideal começar uma pesquisa dessa forma. Adorei trabalhar com terceira idade, o tempo foi muito escasso, mas valeu a pena (gostaria de ter mais tempo para fazer mais entrevistas, porém além do tempo, senti também que preciso parar por aqui antes que todo trabalho perdesse sua objetividade). Passamos meses entrevistando, pois muitas das entrevistas não largavam a dança ou a atividade para que eu pudesse entrevista-los... Muitas vezes fiz caminhadas sem querer, e até tive que dançar forró, para que eles pudesse ser entrevistados. Muitas viam com receio e não tinham vontade de se expressar. Em suma, a experiência foi cativante e pude

estabelecer uma relação mútua de aprendizado. No que se refere às leituras duas me impressionaram “*a Velhice*” de Simone Beauvoir e “*Memória e sociedade – lembranças de velhos*”, de Ecléia Bosi. Toda a pesquisa possibilitou também saber qual é o verdadeiro questionamento e significado sobre a velhice para com o idoso, qual é o relacionamento entre a palavra e o verdadeiro idoso que está inserido neste mundo atual. Devido à falta de tempo dos próprios entrevistados, optei por deixar alguns relatos de lado, optei por algumas falas que priorizavam, principalmente a relação família e também o fim do trabalho partindo para uma aposentadoria. Isso não significa que deixei de lado as entrevistas, utilizei principalmente no meu próprio entendimento para o trabalho. Outro fator que não se pode deixar de lado, e que me deixou com uma certa tristeza, é que diante de um tema tão falado no meio acadêmico, localizei um número reduzido de monografias e livros no que se refere ao assunto. Quando encontrei trabalhos sobre o tema, a maioria era de formação pedagógica, assistência social e de sociologia. Mas, esperamos que futuras pesquisas sejam feitas tendo em vista novas propostas da História social. Afinal a história vem com o tempo deixando de lado a História tradicional e tirando da obscuridade agentes sociais importantes, e ainda contribuindo para alargamento do conhecimento que se tem como do passado. Não podemos deixar de ressaltar a contribuição da história oral para todos os trabalhos que se referem a movimentos sociais e outras pesquisas do gênero como a ascensão do idoso e também a contribuição de Thompson, no que se refere a resistência e experiência. É claro que Thompson trabalhou esses termos com um conceito de classe trabalhadora, mas Thompson ajudou a abrir um caminho e um novo sentido para o conceito de experiência.²³ Esse trabalho agregou ainda mais a minha vida – como pessoa aprendi a viver e admirar o idoso, principalmente pela sua sensibilidade e vontade de viver e, como futura historiadora, consegui valorizar todo o processo de transformação social, político, cultural e econômico, por parte do idoso principalmente no que

²³ Thompson, E.P. “A formação da classe trabalhadora inglesa.” Rio de Janeiro, Zahar Editoras, 1981.

se refere à resistência à sociedade capitalista. Eu também pude colocar em prática todas temáticas que aprendi no decorrer do curso de História, principalmente no que se refere a História Oral. Ela foi à luz de toda a pesquisa. Certamente não há no final desta monografia uma proposta de novas receitas para o idoso. Mas o que eu quis mostrar é que não há somente aquele idoso, que esquece da vida e fica em casa, que agora ele não está a fim de sair para o mercado de trabalho, seja ele informal ou não, e que todos estes elementos dão vazão a um novo idoso que está surgindo. O seu propósito fundamental é chamar a atenção e ajustar as bases da sociedade para uma nova solução. Muito ainda tem que mudar, mas eles próprios admitem que já estão em um bom caminho.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Maria Letícia. O Admirável Mundo Velho. Editora Brasiliense. São Paulo 2ª edição. 1984.

BEAUVOIR, Simone. A Velhice São Paulo. Difusão Européia do livro. 1976.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. Direção de Alfredo Bosi. 3ª edição São Paulo. Cia das Letras. 1994.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Cotidiano e o Poder em São Paulo no Século XIX. Editora Brasiliense. São Paulo. 1984.

GUILLEMARD, Anne- Marie. La Politique d'integration de la Vieillesse. Paris, Editora EHESS, 1976.

MATOS, Maria Izilda Santos. Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho. EDUSC. Bauru. SP. 2002

NÉRI, Anita Liberalesso. (org). Qualidade de Vida e Idade Madura. Campinas SP. Papirus Editora (Coleção Viva idade) 1993.

PIKUNAS, Justin. Desenvolvimento Humano: Uma Ciência emergente. Papirus Editora. São Paulo. 1989.

SEBE, Jose Carlos (org). (re) introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo. Editora USP. 1996

SILVA, Celina rosa. Envelhecer com Dignidade: o Grupo Terceira Idade e a convivência. Monografia Final de Curso de História. UFU. 1999.

SOUZA, Andréa Leite Lisboa de Souza. Envelhecer. Monografia de conclusão de Curso de Bacharel em Serviço social. Universidade Católica Do Salvador. 1997

THOMPSON, E.P. A formação da Classe Trabalhadora Inglesa. Rio de Janeiro. Zahar editoras. 1981.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado: História Oral. Editora Paz e Terra. São Paulo. 1998.

JORNAIS E REVISTAS

JORNAL HOJE, Reportagem: Um Brasil mais velho. 04.05.2002

LESSON, Marc . In Jornal Le Monde. Paris. 1986

VIANA, Marcos Aurélio Ferreira. O melhor ano da vida. In Revista 50 anos SESC. São Paulo. Editora Gente. 1996.

Revista Isto é. Nº 1598. Seção comportamento. 17.05.2000

Anexos

Tabela 11 - Rendimento nominal médio mensal das pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílio, por situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 1991/2000

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Rendimento nominal mensal médio das pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílio, por situação do domicílio (R\$)					
	1991 (1)			2000 (2)		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Brasil	403,00	477,00	168,00	657,00	739,00	297,00
Norte	300,00	364,00	197,00	438,00	502,00	280,00
Rondônia	248,00	295,00	185,00	423,00	440,00	395,00
Acre	303,00	353,00	192,00	433,00	493,00	280,00
Amazonas	365,00	423,00	208,00	485,00	562,00	212,00
Roraima	432,00	483,00	284,00	470,00	537,00	253,00
Pará	302,00	374,00	204,00	444,00	523,00	266,00
Amapá	382,00	417,00	232,00	514,00	547,00	275,00
Tocantins	207,00	243,00	159,00	328,00	339,00	299,00
Nordeste	224,00	298,00	115,00	386,00	474,00	198,00
Maranhão	156,00	178,00	139,00	287,00	349,00	187,00
Piauí	193,00	280,00	103,00	332,00	413,00	200,00
Ceará	227,00	300,00	107,00	401,00	493,00	196,00
Rio Grande do Norte	227,00	282,00	112,00	433,00	509,00	224,00
Paraíba	192,00	247,00	100,00	367,00	440,00	199,00
Pernambuco	273,00	343,00	114,00	453,00	532,00	201,00
Alagoas	216,00	280,00	118,00	402,00	491,00	199,00
Sergipe	231,00	294,00	121,00	398,00	491,00	197,00
Bahia	230,00	325,00	115,00	373,00	475,00	197,00
Sudeste	536,00	576,00	224,00	835,00	879,00	398,00

Minas Gerais	340,00	394,00	180,00	590,00	650,00	338,00
Espírito Santo	337,00	382,00	211,00	638,00	702,00	393,00
Rio de Janeiro	640,00	660,00	191,00	1 018,00	1 042,00	359,00
São Paulo	606,00	624,00	342,00	893,00	913,00	531,00
Sul	382,00	438,00	221,00	661,00	730,00	399,00
Paraná	362,00	415,00	210,00	620,00	675,00	385,00
Santa Catarina	323,00	368,00	214,00	631,00	702,00	405,00
Rio Grande do Sul	417,00	478,00	232,00	703,00	782,00	407,00
Centro-Oeste	440,00	477,00	279,00	754,00	789,00	546,00
Mato Grosso do Sul	390,00	408,00	312,00	630,00	649,00	517,00
Mato Grosso	314,00	333,00	258,00	544,00	562,00	478,00
Goiás	349,00	371,00	263,00	579,00	586,00	540,00
Distrito Federal	1 060,00	1 092,00	461,00	1 796,00	1 813,00	1 326,00

Fonte: Censo demográfico 1991: resultados do universo: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 21 CD-ROM; IBGE, Censo Demográfico 2000.

Nota: Domicílios particulares permanentes.

(1) Valores deflacionados pelo INPC com base em julho de 2000.

(2) Exclusive as pessoas sem rendimento.

Tabela 22 - Média de anos de estudo das pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, por sexo, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 1991/2000

(continua)

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Média de anos de estudo das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios		
	Total	Sexo	
		Homens	Mulheres
	1991		
Brasil	2,7	2,8	2,4
Norte	1,9	1,9	1,7
Rondônia	1,5	1,5	1,2
Acre	1,6	1,7	1,5
Amazonas	2,2	2,2	2,1
Roraima	2,0	2,0	1,8
Pará	2,0	2,1	1,9
Amapá	1,8	2,0	1,3
Tocantins	1,0	1,1	0,6
Nordeste	1,4	1,4	1,4
Maranhão	1,0	1,1	1,0
Piauí	1,1	1,1	1,0
Ceará	1,5	1,4	1,6
Rio Grande do Norte	1,4	1,3	1,5
Paraíba	1,2	1,2	1,3
Pernambuco	1,8	1,9	1,7
Alagoas	1,2	1,2	1,2
Sergipe	1,4	1,4	1,3

Bahia	1,4	1,4	1,2
Sudeste	3,6	3,8	3,1
Minas Gerais	2,5	2,6	2,2
Espírito Santo	2,4	2,5	2,0
Rio de Janeiro	4,8	5,3	4,1
São Paulo	3,7	3,9	3,2
Sul	3,0	3,1	2,7
Paraná	2,5	2,6	2,3
Santa Catarina	2,9	3,0	2,6
Rio Grande do Sul	3,3	3,5	3,0
Centro-Oeste	2,4	2,5	2,0
Mato Grosso do Sul	2,1	2,2	1,8
Mato Grosso	1,8	1,9	1,6
Goiás	2,0	2,2	1,6
Distrito Federal	5,0	5,6	3,9

Tabela 22 - Média de anos de estudo das pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, por sexo, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 1991/2000

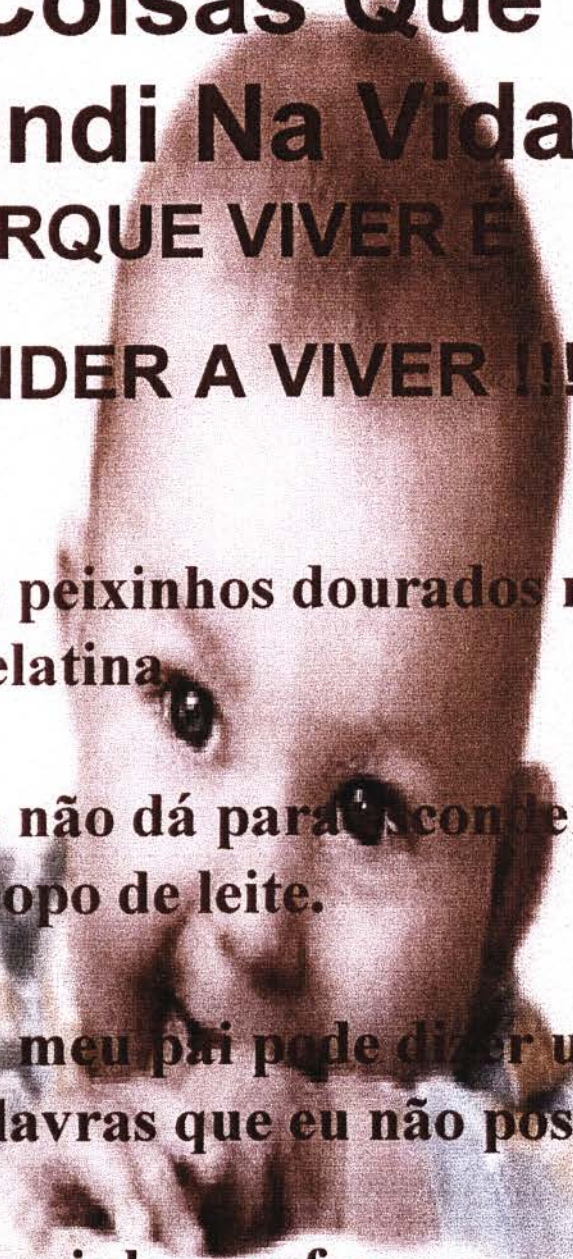
(conclusão)

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Média de anos de estudo das pessoas de 60 anos ou mais, responsáveis pelos domicílios		
	Total	Sexo	
		Homens	Mulheres
	2000		
Brasil	3,4	3,5	3,1
Norte	2,4	2,4	2,4
Rondônia	1,9	2,0	1,8
Acre	2,0	1,9	2,1
Amazonas	2,7	2,7	2,8
Roraima	2,4	2,4	2,4
Pará	2,6	2,5	2,6
Amapá	2,6	2,8	2,2
Tocantins	1,5	1,6	1,3
Nordeste	2,0	2,0	2,1
Maranhão	1,5	1,5	1,6
Piauí	1,6	1,6	1,6
Ceará	2,1	1,9	2,3
Rio Grande do Norte	2,1	2,0	2,3
Paraíba	1,9	1,9	2,1
Pernambuco	2,5	2,6	2,5
Alagoas	1,9	1,8	1,9
Sergipe	2,1	2,1	2,0

Bahia	2,0	2,0	1,9
Sudeste	4,3	4,6	3,8
Minas Gerais	3,1	3,3	2,9
Espírito Santo	3,1	3,3	2,8
Rio de Janeiro	5,4	5,9	4,7
São Paulo	4,4	4,7	3,8
Sul	3,7	3,8	3,4
Paraná	3,2	3,3	2,9
Santa Catarina	3,7	3,9	3,4
Rio Grande do Sul	4,1	4,2	3,8
Centro-Oeste	3,2	3,3	2,9
Mato Grosso do Sul	2,8	3,0	2,5
Mato Grosso	2,5	2,5	2,4
Goiás	2,7	2,9	2,4
Distrito Federal	6,0	6,7	5,0

Fonte: Censo demográfico 1991: resultados do universo: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 21 CD-ROM; IBGE, Censo Demográfico 2000.

Nota: Domicílios particulares permanentes.



As Coisas Que Aprendi Na Vida ...PORQUE VIVER É APRENDER A VIVER !!!

05 Anos

Aprendi que peixinhos dourados não gostam de gelatina.

06 Anos

Aprendi que não dá para esconder brócolis no copo de leite.

08 Anos

Aprendi que meu pai pode dizer um monte de palavras que eu não posso.

09 Anos

Aprendi que minha professora sempre me chama quando eu não sei a resposta.

11 Anos

Aprendi que os meus melhores amigos são os que sempre me metem em confusão.

12 Anos

Aprendi que, se tenho problemas na escola, tenho mais, ainda, em casa.

13 Anos

Aprendi que quando meu quarto fica do jeito que quero, minha mãe manda eu arrumá-lo.

14 Anos

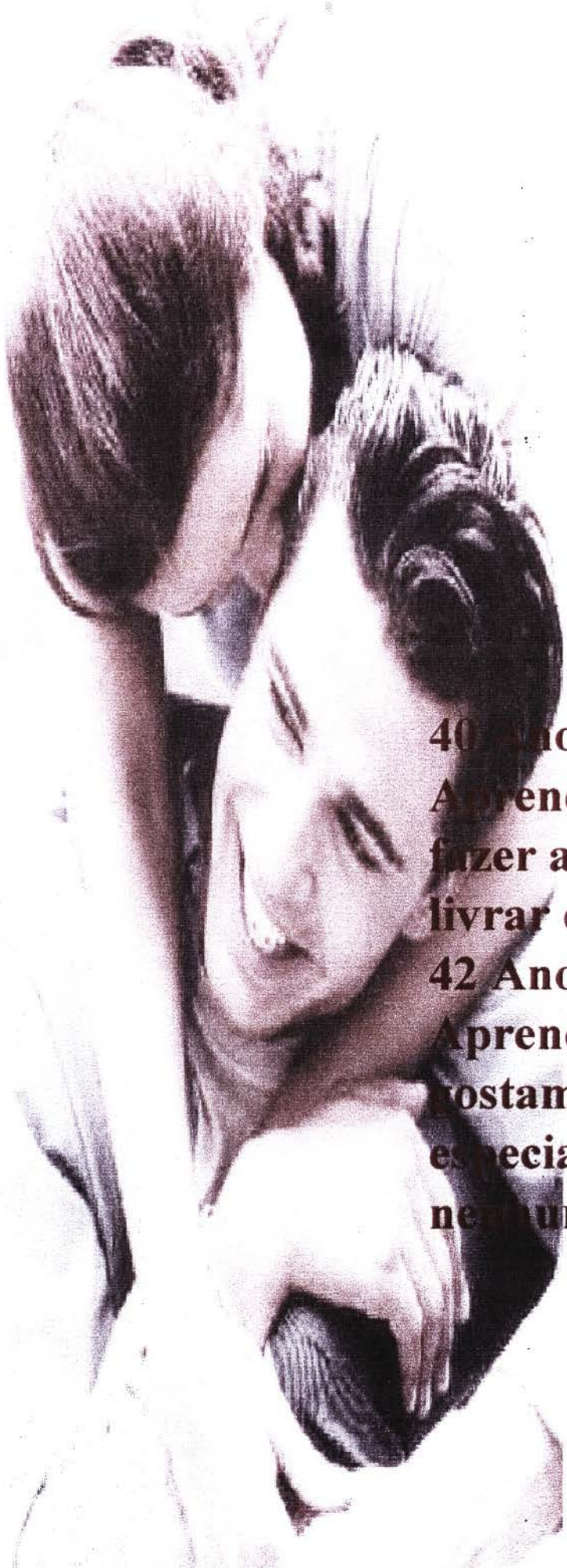
Aprendi que não se deve descarregar suas frustrações no seu irmão menor, porque seu pai tem frustrações maiores e mão mais pesada.

25 Anos

Aprendi que nunca devo elogiar a comida de minha mãe, quando estou comendo alguma coisa que minha mulher preparou

29 Anos

Aprendi que se pode fazer, num instante, algo que vai lhe dar dor de cabeça a vida toda.

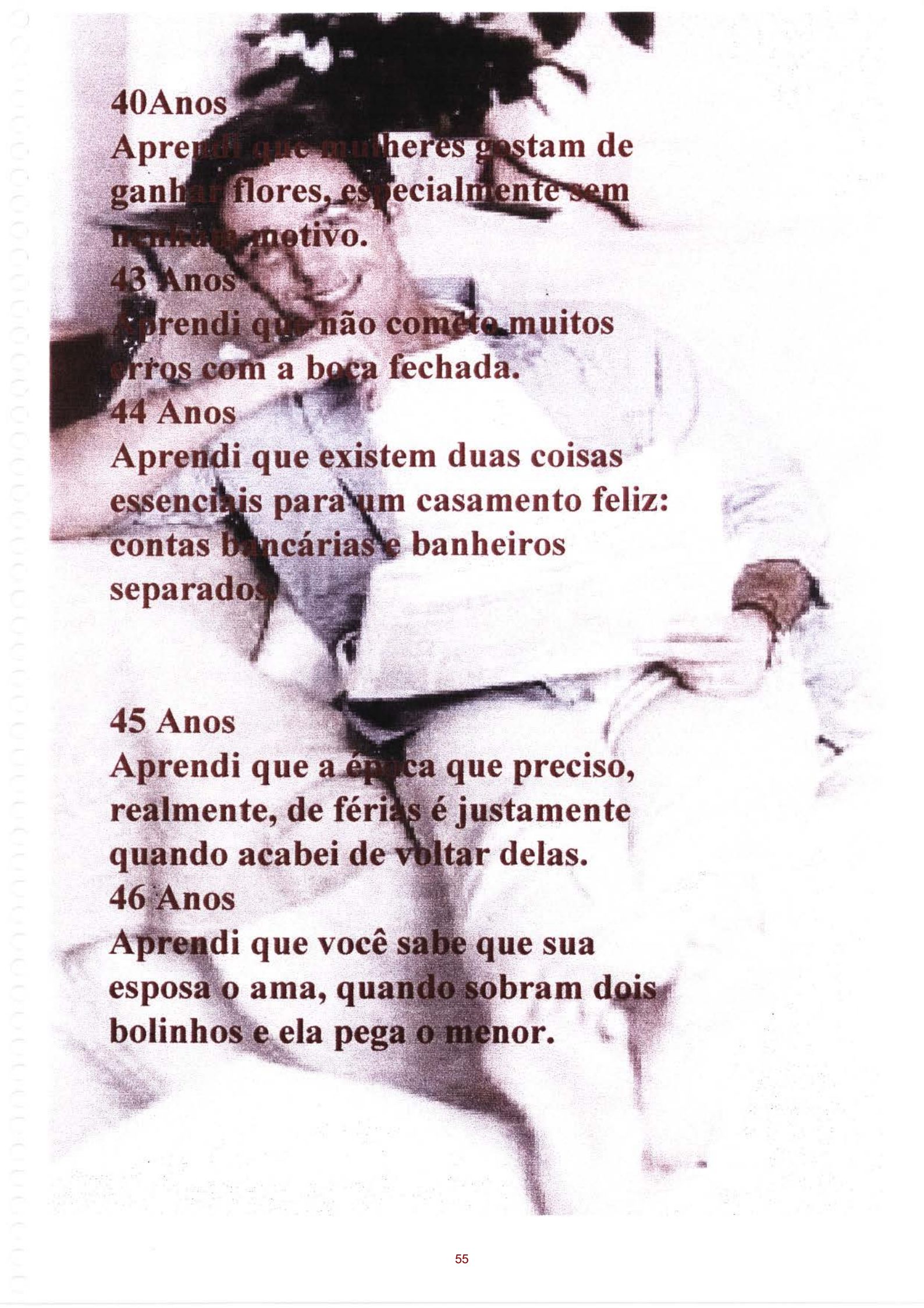


35 Anos
Aprendi que quando minha mulher e eu temos, finalmente, uma noite sem as crianças, passamos a maior parte do tempo falando delas.

37 Anos
Aprendi que casais que não têm filhos, sabem melhor como você deve educar os seus.

40 Anos
Aprendi que é mais fácil fazer amigos do que se livrar deles.

42 Anos
Aprendi que mulheres gostam de ganhar flores, especialmente sem nenhum motivo.



40 Anos

Aprendi que mulheres gostam de ganhar flores, especialmente sem nenhum motivo.

43 Anos

Aprendi que não cometo muitos erros com a boca fechada.

44 Anos

Aprendi que existem duas coisas essenciais para um casamento feliz: contas bancárias e banheiros separados.

45 Anos

Aprendi que a época que preciso, realmente, de férias é justamente quando acabei de voltar delas.

46 Anos

Aprendi que você sabe que sua esposa o ama, quando sobram dois bolinhos e ela pega o menor.

47 Anos
Aprendi que nunca se conhece bem os amigos, até que se tire férias com eles.

48 Anos

Aprendi que não se pode ganhar dinheiro de maneira mais difícil de consegui-lo.

49 Anos

Aprendi que você pode fazer alguém ganhar o dia, simplesmente, mandando-lhe um pequeno cartão.

50 Anos

Aprendi que a qualidade de serviço de um hotel é diretamente proporcional à espessura das toalhas.

51 Anos

Aprendi que crianças e avós são aliados naturais.

52 Anos

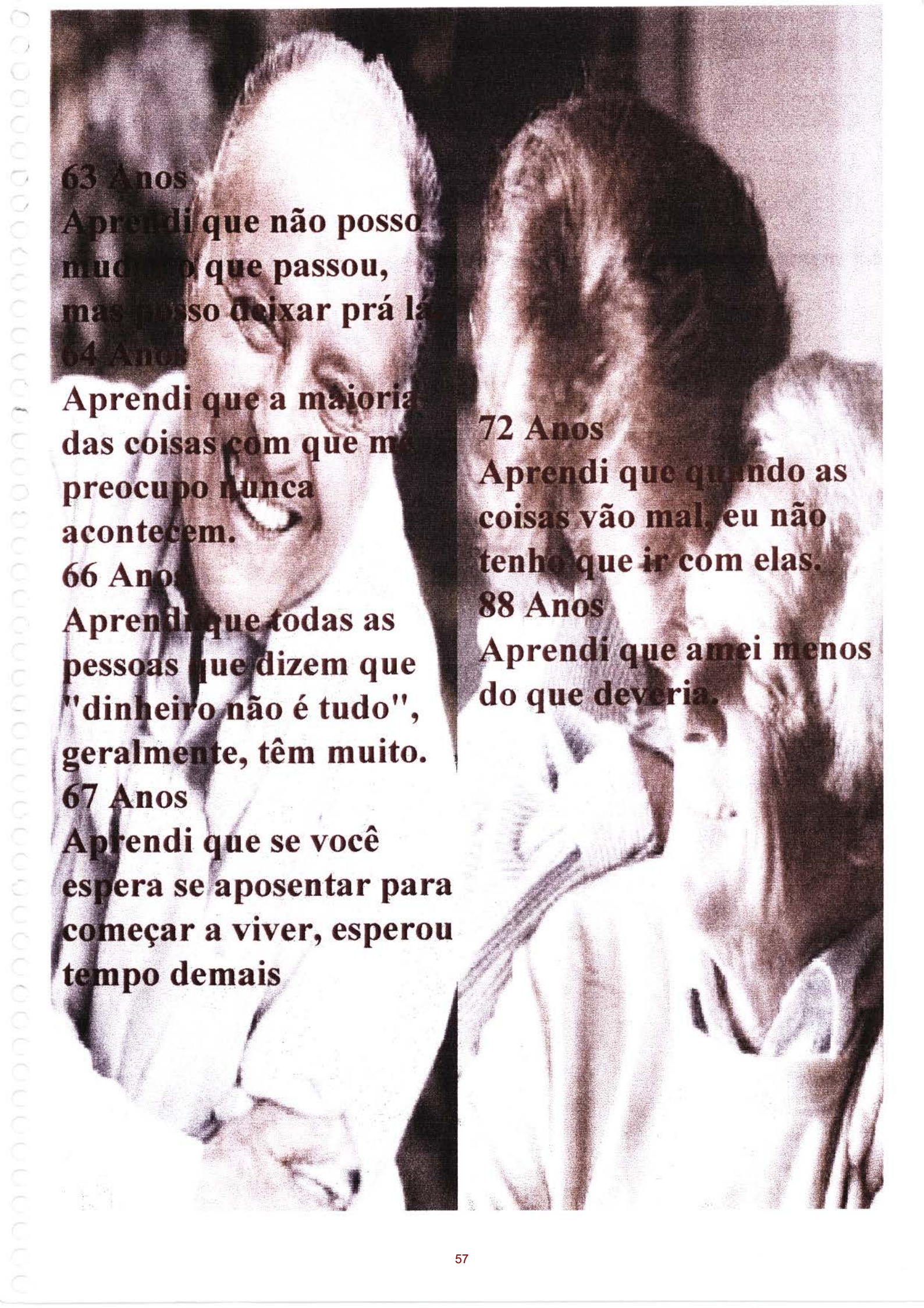
Aprendi que quando chego atrasado ao trabalho, meu patrão chega cedo.

54 Anos

Aprendi que o objeto mais importante de um escritório é a lata de lixo.

57 Anos

Aprendi que é legal curtir o sucesso, mas não se deve acreditar muito nele.



63 Anos

Aprendi que não posso mudar o que passou, mas posso deixar prá lá.

64 Anos

Aprendi que a maioria das coisas com que me preocupo nunca acontecem.

66 Anos

Aprendi que todas as pessoas que dizem que "dinheiro não é tudo", geralmente, têm muito.

67 Anos

Aprendi que se você espera se aposentar para começar a viver, esperou tempo demais.

72 Anos

Aprendi que quando as coisas vão mal, eu não tenho que ir com elas.

88 Anos

Aprendi que amei menos do que deveria.



90
anos

**Aprendi que
tenho muito
a aprender.**

e a vida continua....